

Serra das Viúvas: territorialidade quilombola, práticas culturais e sustentabilidade no sertão de Alagoas

Serra das Viúvas: quilombola territoriality, cultural practices, and sustainability in the backlands of Alagoas

DOI: <https://doi.org/10.24979/makunaima.v8i1.1590>

Submissão: 06/05/25

Aprovação: 16/12/25

Vinicius Valdir dos Santos

<https://orcid.org/0000-0003-0875-386X>

RESUMO

O artigo analisa a trajetória histórica e a realidade contemporânea da comunidade quilombola Serra das Viúvas, localizada no município de Água Branca, no sertão de Alagoas, destacando-a como um território de resistência, preservação cultural e práticas sustentáveis. A pesquisa teve como objetivo compreender as dinâmicas territoriais, socioculturais e produtivas da comunidade, com ênfase na agricultura familiar, no artesanato quilombola e nas práticas coletivas que sustentam a autonomia local. Metodologicamente, o estudo baseou-se em abordagem qualitativa, envolvendo entrevistas com moradores, revisão bibliográfica e uso de geotecnologias para o mapeamento do território. Os resultados evidenciam que atividades como a produção de farinha de mandioca, o trabalho das artesãs e o manejo sustentável do ambiente são fundamentais tanto para a geração de renda quanto para a manutenção da identidade cultural quilombola. Conclui-se que a Serra das Viúvas constitui um exemplo vivo da luta quilombola por reconhecimento territorial, valorização cultural e sustentabilidade socioambiental, revelando a força e a resiliência da comunidade na preservação e transmissão de seus saberes e modos de vida ao longo das gerações.

Palavras-chave: Territorialidade, cultura, sustentabilidade.

ABSTRACT

This article analyzes the historical trajectory and contemporary reality of the Serra das Viúvas quilombola community, located in the municipality of Água Branca, in the backlands of Alagoas, Brazil, highlighting it as a territory of resistance, cultural preservation, and sustainable practices. The research aimed to understand the community's territorial, sociocultural, and productive dynamics, with emphasis on family farming, quilombola handicrafts, and collective practices that sustain local autonomy. Methodologically, the study adopted a qualitative approach, including interviews with community members, a bibliographic review, and the use of geotechnologies for territorial mapping. The results show that activities such as cassava flour production, the work of women artisans, and sustainable environmental management are fundamental both for income generation and for maintaining quilombola cultural identity. It is concluded that Serra das Viúvas constitutes a living example of the quilombola struggle for territorial recognition, cultural valorization, and socio-environmental sustainability, revealing the community's strength and resilience in preserving and transmitting its knowledge and ways of life across generations.

Keywords: Territoriality, culture, sustainability.

1 Introdução

Os quilombos no Brasil foram comunidades formadas principalmente por africanos escravizados que fugiram do cativeiro e se organizaram como forma de resistência ao sistema escravista colonial. Esses espaços, que surgiram desde o início do período colonial e se intensificaram durante os séculos 17 e 18, são fundamentais para a compreensão das lutas e resistências dos povos afro-brasileiros. Autores como Clóvis Moura (1981), João José Reis (1996) e Flávio dos Santos Gomes (2005) destacam a importância dos quilombos não apenas como lugares de refúgio, mas como centros de resistência ativa, organização política e preservação cultural. Segundo Clóvis Moura em *Rebeliões da Senzala* (1981), os quilombos eram "redutos de liberdade" e, em muitos casos, verdadeiras "repúblicas autônomas" que desafiavam a ordem colonial, especialmente ao se localizarem em regiões estratégicas e de difícil acesso, como florestas e montanhas (DIVÂNIA, 2020; ALICE, 2024; XAVIER, 2024).

Já para João José Reis (1996), em sua obra *Quilombos e Revoltas Escravas*, ele destaca que esses agrupamentos variavam em tamanho e estrutura, indo desde pequenos mocambos temporários até grandes quilombos organizados, como o Quilombo dos Palmares, que chegou a se tornar um dos maiores e mais organizados da América Latina. Para Flávio dos Santos Gomes (2005), em *Histórias de Quilombolas: Mocambos e Comunidades de Senzalas no Brasil*, os quilombos também incorporavam elementos culturais africanos, indígenas e europeus, construindo uma identidade própria e complexa que influenciou a formação da sociedade brasileira.

Em panorama geral sobre os quilombos no Brasil, é importante destacar a relevância do estado de Alagoas, onde se localizou o mais emblemático e significativo dos quilombos: o Quilombo dos Palmares. Esta comunidade, que existiu entre os séculos XVI e XVII na Serra da Barriga, é amplamente reconhecida como símbolo máximo da resistência afro-brasileira contra a escravidão e o regime colonial (FERNANDES; GALINDO; VALENCIA, 2020; JOSÉ, 2020; HELENA, 2017).

Segundo Clóvis Moura (1981), o Quilombo dos Palmares não era apenas um refúgio, mas uma verdadeira estrutura sociopolítica, formada por diversos mocambos (pequenas aldeias) interligados. Com uma população que chegou a estimar-se em cerca de 20 mil habitantes no seu auge, Palmares desenvolveu um sistema político e militar próprio, sendo liderado por figuras icônicas como Zumbi dos Palmares, cuja liderança foi crucial para a manutenção da resistência por mais de um século. Flávio dos Santos Gomes (2005), destaca que os quilombolas de Palmares cultivavam uma mistura de elementos africanos e indígenas, o que se refletia tanto em sua organização social quanto nas práticas agrícolas e culturais. Essa diversidade contribuiu para a resiliência do quilombo, que resistiu a inúmeras expedições militares enviadas pela coroa portuguesa. (HELENA, 2025; LUIZ et al., 2015)

Nesse contexto, Beatriz G. Nascimento (1985), em suas pesquisas sobre a história negra no Brasil, salienta que Palmares foi uma referência não apenas para os negros escravizados no Nordeste, mas para todo o país, influenciando outras

formações quilombolas ao longo dos séculos. Ela sublinha a importância de Palmares como um espaço de liberdade e resistência que desafiou diretamente as estruturas coloniais e o sistema escravista brasileiro.

O legado quilombola de Alagoas se estende para além de Palmares, refletindo-se em várias comunidades quilombolas contemporâneas. Uma dessas comunidades é a Serra das Viúvas, localizada no município de Água Branca, Alagoas. Flávio dos Santos Gomes (2005) e Beatriz G. Nascimento (1985) mostram que a Serra das Viúvas, assim como outras comunidades remanescentes, tem suas raízes históricas vinculadas a antigos mocambos e pequenos quilombos que se estabeleceram no estado após a queda de Palmares em 1694. A Serra das Viúvas é reconhecida oficialmente como uma comunidade quilombola, e seus habitantes, descendentes diretos de africanos escravizados, lutam para preservar sua cultura e garantir seus direitos territoriais. Segundo Gomes (2005), a comunidade tem buscado a manutenção de práticas culturais tradicionais, como celebrações religiosas e modos de subsistência agrícola herdados de seus antepassados quilombolas. Para Nascimento (1985), essas comunidades são mais do que locais de memória e resistência; elas representam a continuidade da luta negra pela autonomia e pelo reconhecimento de seus direitos. (MELO, 2019; ROMERO, 2014).

O presente artigo tem como objetivo principal explorar e analisar a realidade da comunidade quilombola Serra das Viúvas, localizada no sertão de Alagoas, com ênfase em três aspectos fundamentais: territorialidade, cultura e sustentabilidade.

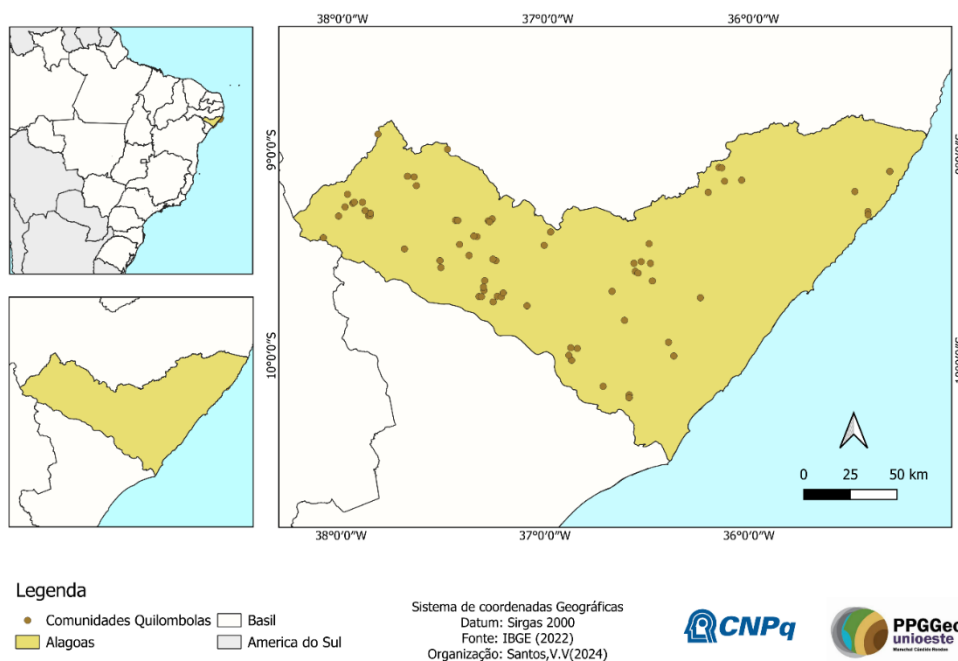
2 Área de estudo

Alagoas é conhecida por abrigar um dos mais famosos quilombos do período colonial o quilombo dos Palmares. Localizado na Serra da Barriga, próximo ao atual município de União dos Palmares, o quilombo dos Palmares foi um complexo de vilas formado por africanos escravizados que fugiram das fazendas e engenhos da região. Palmares tornou-se um símbolo de resistência, chegando a abrigar milhares

de pessoas e organizando-se como uma sociedade autônoma com estruturas políticas e econômicas próprias (Gomes, 2015). A liderança mais conhecida desse quilombo foi Zumbi, um dos últimos líderes a resistir contra as expedições enviadas pela coroa portuguesa para destruir o quilombo. A luta de Zumbi e dos habitantes de Palmares é fundamental para a história das comunidades quilombolas no Brasil e em Alagoas, servindo como símbolo de resistência e autonomia (Carneiro, 1958).

Em Alagoas, a luta pela terra e pela preservação da cultura quilombola continua até os dias de hoje. Existem diversas comunidades remanescentes de quilombos, como a comunidade quilombola Serra das Viúvas, em Água Branca, que luta pelo reconhecimento de seus territórios e pela preservação de sua identidade cultural (Santos, 2020). Essas comunidades são marcadas por suas tradições culturais, agrícolas e pela organização comunitária que resiste ao longo dos séculos. A seguir, (Figura 01) apresentamos o mapa das comunidades quilombolas, onde é possível observar a espacialização dessas comunidades no estado do Alagoas.

Figura 01: Comunidades Quilombolas em Alagoas



Fonte: Os autores (2025)

O mapa apresentado mostra a distribuição das comunidades quilombolas no estado. Nele, as comunidades quilombolas estão marcadas por pontos marrons distribuídos pelo território alagoano tem sua maior concentração na região central e norte do estado. Em Alagoas, há 71 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Cultural Palmares, que reconhece oficialmente a ancestralidade e a identidade cultural desses grupos. No entanto, desse total, apenas 1 comunidade possui terra titulada pelo instituto nacional de colonização e reforma agrária (INCRA). Essa diferença reflete um conjunto de desafios estruturais e institucionais que dificultam a regularização fundiária das comunidades quilombolas no estado e no Brasil em geral, essa complexidade e lentidão é reflexo de um processo de titulação que envolve burocracia, falta de recursos e apoio político. (MORAIS et al., 2016; DO NASCIMENTO et al,2023)

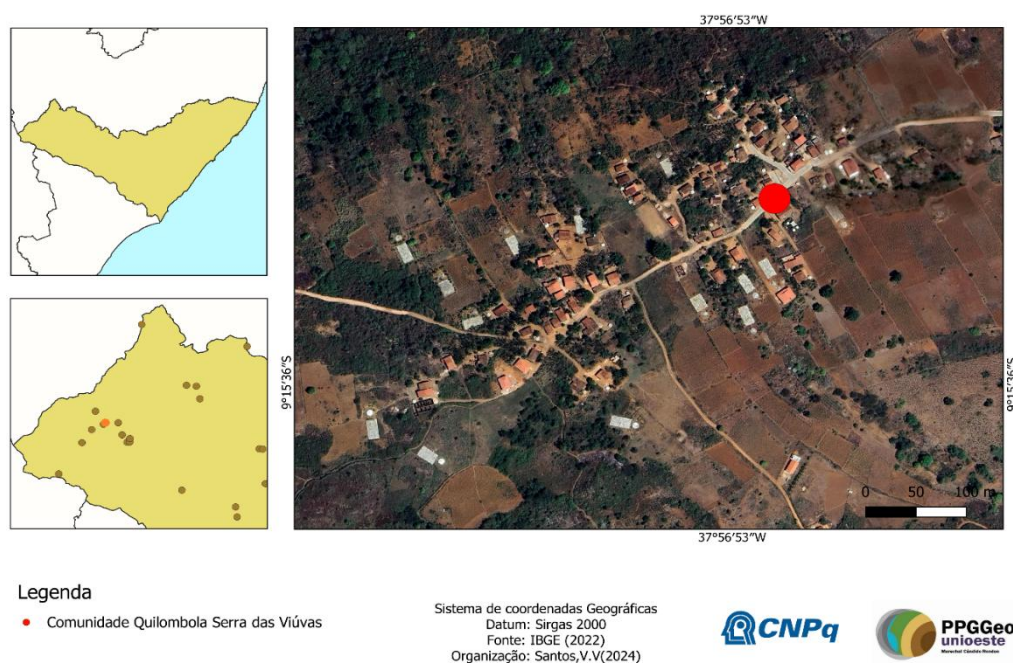
Alagoas tem diversas comunidades quilombolas que preservam a cultura e as tradições afro-brasileiras. Entre elas, destacam-se a comunidade quilombola Ouricuri, a comunidade quilombola Queimadas, a comunidade quilombola Lagoa das Pedras, e a comunidade quilombola Carrasco. Essas comunidades são fundamentais para a manutenção da identidade cultural e histórica da região. Entre essas comunidades quilombolas de alagoas destacamos a comunidade Serra das viúvas. Silva (2020) caracteriza a comunidade espacialmente dizendo que:

A comunidade quilombola Serra das Viúvas localiza-se a aproximadamente 7 km do centro urbano do município de Água Branca, estado de Alagoas. Localizada em uma área a cerca de 570 metros de altitude de difícil acesso e superfície topograficamente elevada, representa um dos maciços residuais do sertão que tem uma vista privilegiada de todo perímetro urbano. (Silva,2020, p.21)

O foco deste estudo é a comunidade quilombola Serra das Viúvas, localizada no município de Água Branca. Essa comunidade tem se destacado por seus esforços em preservar a cultura, promover a autonomia e garantir os direitos dos seus membros, contribuindo para a riqueza da diversidade cultural alagoana.

Com o intuito de contextualizar espacialmente a área de estudo e facilitar a compreensão de sua inserção territorial, apresenta-se, a seguir, a Figura X, que ilustra a localização geográfica da comunidade quilombola Serra das Viúvas no município de Água Branca, estado de Alagoas. A representação cartográfica permite visualizar a posição da comunidade em relação ao perímetro urbano municipal, bem como suas características de isolamento relativo e inserção em área de relevo elevado, aspectos fundamentais para a compreensão de sua formação histórica, dinâmica territorial e estratégias de resistência sociocultural. (ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO, 2025; CARNEIRO, 2025)

Figura 02: Comunidade Quilombola Serra das Viúvas



Fonte: Os autores (2025)

A comunidade Serra das Viúvas, situada no sertão alagoano, é um espaço emblemático de resistência cultural e práticas de sustentabilidade. Estudos realizados sobre essa comunidade revelam aspectos significativos de sua história e identidade. De acordo com Silva (2020), “a Serra das Viúvas é um exemplo claro da preservação da cultura afro-brasileira e de suas práticas tradicionais, que têm sido transmitidas através das gerações” (p. 45). A história da comunidade está ligada à chegada do Barão de Água Branca, que, em meados do século XIX, estabeleceu-se na região e trouxe consigo um grande número de escravizados para trabalhar em suas terras. Esses escravizados eram forçados a trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar e em outras atividades econômicas que sustentavam a riqueza do Barão.

Os escravizados que contribuíram para a construção da Igreja de Água Branca. Esses indivíduos não apenas trabalhavam nas plantações, mas também eram forçados a participar da construção de edificações importantes, como igrejas e casas de fazenda. Segundo Silva (2019), “as igrejas, como símbolo do poder colonial e religioso, eram frequentemente erguidas à custa do trabalho escravo, refletindo a desigualdade e a opressão da época” (p. 45). A relação da comunidade da Serra das Viúvas com a Igreja vai muito além da participação de seus antepassados na construção da instituição religiosa. Essa ligação se mantém viva até os dias de hoje, refletindo-se tanto na vida espiritual quanto na social dos moradores. Silva (2020) explica que:

No caso da Serra das Viúvas, em vários momentos a presença da Igreja é mencionada como ator que ocupa importante espaço na história do grupo. Nos relatos registrados, a comunidade participa de ações junto a entidades religiosas católicas há bastante tempo, o que permitiu não apenas ganhos e garantias materiais advindos normalmente de projetos ligados a instituições filantrópicas nacionais e internacionais, mas também o acúmulo de conhecimentos e habilidades recursais para interagir em outros espaços sociais. (Silva, 2020, p.141).

A Igreja não é apenas um legado histórico deixado pelos antepassados, mas um elemento ativo na vida da comunidade da Serra das Viúvas, proporcionando apoio contínuo e contribuindo para o crescimento e fortalecimento do grupo ao longo do tempo. A seguir observamos imagens da igreja na cidade próximo a comunidade no qual é possível perceber os traços da arquitetura colonial.

Figura 03: Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Os autores (2025)

Na construção da igreja de Água Branca, os escravizados utilizavam técnicas tradicionais e conhecimentos que haviam herdado de suas culturas africanas. Esse legado cultural se manifestou não apenas na construção da igreja, mas também na forma como a comunidade se organizava e se relacionava com o espaço sagrado. Fazendo assim com que a igreja não seja apenas um espaço de culto, mas também um marco histórico que remete às vivências e à resistência dos escravizados que, mesmo sob opressão, contribuíram para a formação da identidade cultural da comunidade de Água Branca.

Com o tempo, muitos desses escravizados, em busca de liberdade e dignidade, começaram a se organizar e a fugir das propriedades do Barão. Segundo Gomes (2017), “os escravizados que conseguiam escapar das fazendas frequentemente se refugiavam em áreas de difícil acesso, formando quilombos

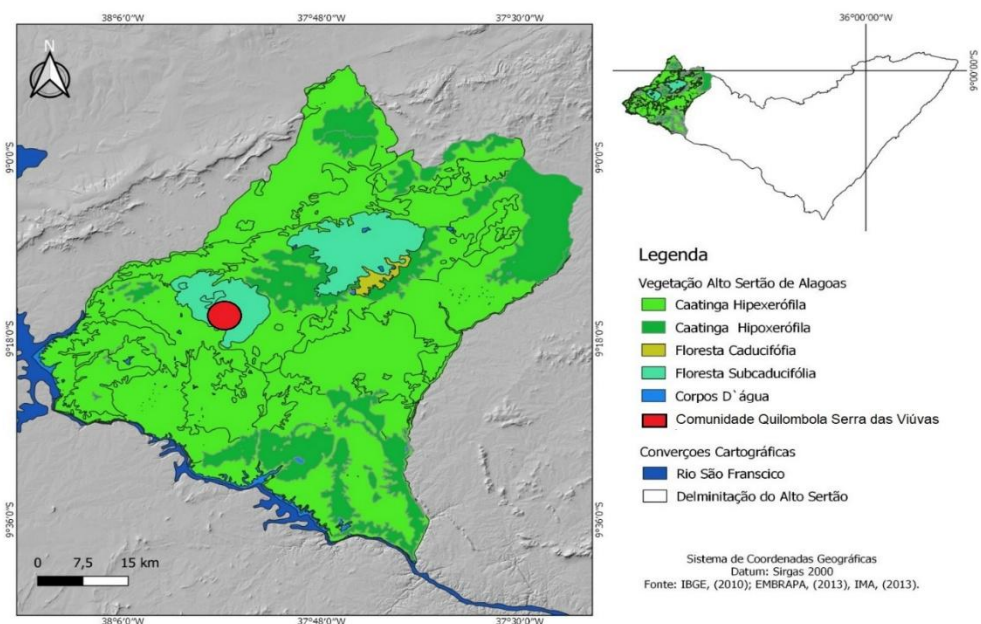
como a Serra das Viúvas, onde podiam viver sem a opressão do trabalho forçado” (p. 63). Esses refúgios se tornaram espaços de resistência e preservação cultural, onde os fugitivos podiam se organizar, cultivar a terra e manter suas tradições.

A escolha do nome "Serra das Viúvas" está relacionada à memória de mulheres que, durante a escravidão, ficaram viúvas devido à morte de seus maridos nas lutas pela liberdade ou nas condições adversas do trabalho escravo. Segundo Almeida (2019), “O nome da comunidade remete a uma história de luta e resistência, onde as mulheres desempenharam um papel fundamental na preservação da cultura e na luta pela sobrevivência” (p. 42). As mulheres da Serra das Viúvas se tornaram líderes em suas comunidades, transmitindo conhecimentos e práticas culturais que foram fundamentais para a identidade quilombola.

2.1 Relação entre Vegetação e Agricultura na Comunidade Quilombola

Bioma caatinga é um tipo de vegetação endêmica brasileira, isso quer dizer que ela só existe no Brasil, sobretudo na região Nordeste, o bioma, abrange 11% do território nacional, ocupando uma área de 844.453 Km² e 55,6% do Nordeste (IBGE, 2004). Está presente em nove Estados nordestinos – Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia –, além da região norte de Minas Gerais. Uma das características do bioma é que ele ocupa uma região onde o clima é semiárido, sendo assim longos períodos sem chuva, onde os períodos chuvosos são entre os meses de dezembro e abril, na maior parte do ano o clima é quente e seco.

Figura 04: Mapa de vegetação da Serra das Viúvas



Fonte: Os autores (2025)

A Caatinga é mais do que uma paisagem típica do Sertão; ela é um verdadeiro equilíbrio entre a natureza e a vida humana. Na Serra das Viúvas, em Água Branca, Alagoas, esse bioma não só molda o clima local, funcionando como um "amortecedor" que ameniza os extremos de calor, mas também influencia profundamente a forma como as famílias quilombolas vivem e cultivam a terra. Com seus arbustos espinhosos, cactos resistentes e árvores adaptadas ao semiárido, a Caatinga é uma aliada indispensável no enfrentamento das condições climáticas desafiadoras.

As famílias da Serra das Viúvas têm uma relação única com essa vegetação. Elas adaptaram suas práticas agrícolas às particularidades do solo e à pouca disponibilidade de água, aproveitando ao máximo o que a terra pode oferecer. Porém, como podemos observar na figura 05 a região está localizada sobre uma serra no qual devido a sua elevada altitude tem um microclima diferente que é propício para o cultivo de algumas espécies de agricultura, como também auxilia na formação do solo da região, deixando o mesmo com uma boa qualidade de plantio.

Figura 05: Altitude da Serra das Viúvas



Fonte: Google Earth, adaptado por Autores (2025)

A Serra das Viúvas, alcança altitudes de até 700 metros, criando um microclima com temperaturas mais amenas e chuvas mais frequentes, o que torna o solo mais fértil e propício para a agricultura. As famílias quilombolas aproveitam essas condições para cultivar frutas, verduras, hortaliças, raízes e plantas medicinais, unindo saberes tradicionais e sustentabilidade. Essa relação com o bioma reflete a conexão entre cultura e natureza, garantindo sustento e preservação ambiental.

Figura 06: Agricultura



Fonte: Autores (2025)

Grande parte dessa produção é destinada ao consumo próprio, garantindo a segurança alimentar das famílias. Os excedentes são comercializados em feiras das cidades vizinhas, gerando renda para a comunidade. Vale destacar que esses produtos são cultivados de forma orgânica, sem o uso de agrotóxicos, reforçando a sustentabilidade e a qualidade dos alimentos oferecidos.

3 Metodologia

A metodologia da pesquisa foi estruturada em quatro etapas principais. A primeira etapa foi a delimitação do estudo, que definiu o foco na comunidade quilombola Serra das Viúvas e seu entorno, buscando compreender a territorialidade, a cultura e as práticas sustentáveis locais. Em seguida, foi realizada uma revisão bibliográfica, analisando teorias e estudos sobre comunidades quilombolas e cultura afro-brasileira. A terceira etapa envolveu a pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas com membros da comunidade, líderes e representantes de associações locais, para compreender suas perspectivas sobre territorialidade, cultura e práticas sustentáveis. Por fim, a geotecnologia foi utilizada para mapear a área da comunidade com o software QGIS, visando delimitar seus territórios e identificar recursos importantes, o que permitiu uma análise espacial mais precisa das dinâmicas locais. A seguir, apresentamos a descrição da metodologia utilizada na pesquisa. Este quadro sintetiza as etapas adotadas, os métodos aplicados e os autores que fundamentam cada abordagem.

Quadro 01: Esquema metodológico

| Etapas | Descrição | Autores |
|------------------------------|---|--------------------------------|
| Delimitação do Estudo | A delimitação da área de estudo focou na Comunidade Quilombola Serra das Viúvas e seu entorno, justificando a escolha pela relevância cultural e práticas sustentáveis. | Oliveira (2015), Santos (2019) |
| Revisão Bibliográfica | Levantamento de obras e artigos sobre comunidades quilombolas, cultura afro-brasileira, territorialidade e sustentabilidade, utilizando estudos específicos sobre a comunidade. | Gomes (2018), Ribeiro (2020) |

| Etapas | Descrição | Autores |
|-----------------------------|---|----------------------|
| Pesquisa Qualitativa | Entrevistas com membros da comunidade foram realizadas para captar as perspectivas locais sobre territorialidade e cultura. | Minayo (2015) |
| Uso de Geotecnologia | Criação de mapas com software QGIS para visualizar e delimitar a área da comunidade. | Silva e Souza (2017) |

Fonte: Os autores (2024)

Inicialmente delimitamos a área de estudo para posteriormente prosseguir com os outros métodos da pesquisa. A escolha desta comunidade se justifica pela relevância da preservação da identidade cultural e das práticas sustentáveis que caracterizam os quilombos no Brasil, conforme discutido por Oliveira (2015) e Santos (2019). A delimitação do espaço geográfico e social se concentrará na comunidade quilombola Serra das Viúvas e seu entorno, permitindo uma análise mais aprofundada dos desafios e das potencialidades locais.

A revisão bibliográfica foi realizada com levantamento de obras e artigos acadêmicos que tratam de comunidades quilombolas, territorialidade, cultura afro-brasileira e sustentabilidade. Autores como Gomes (2018) e Ribeiro (2020) ofereceram insights sobre a dinâmica social e cultural das comunidades quilombolas. Foram analisados estudos anteriores sobre a comunidade quilombola Serra das Viúvas.

Foram realizadas entrevistas com membros da comunidade. Essa abordagem permitiu entender as perspectivas dos participantes sobre sua territorialidade e cultura, conforme sugerido por Minayo (2015). A conversa com os integrantes da comunidade permitiu uma imersão na cultura local, possibilitando compreender melhor suas tradições e a importância da preservação de suas raízes culturais.

A pesquisa incluiu a criação de mapas utilizando o software QGIS para delimitar a área da comunidade. O mapeamento ajudou a visualizar os limites territoriais, as características geográficas e a localização de elementos relevantes à pesquisa, conforme recomendado por Silva e Souza (2017) em seus estudos sobre geotecnologia aplicada ao mapeamento de comunidades.

4 Resultados e discussão

O nome da serra onde a comunidade está localizada também se chama serra das viúvas, é uma localidade quilombola que abriga cerca de 100 famílias, cuja renda é predominantemente gerada por atividades agrícolas e extrativistas. Segundo Divânia Cássia Costa da Silva em sua tese "Reconhecimento, mercado étnico e participação política: a questão quilombola e a comunidade Serra das Viúvas", a economia local é marcada pela produção de alimentos e o cultivo de plantas nativas, destacando a importância da agricultura familiar. Silva menciona: "A sobrevivência econômica da comunidade está intrinsecamente ligada ao seu modo de vida sustentável, onde as práticas agrícolas são realizadas em harmonia com o meio ambiente" (Silva, 2020). Essa abordagem não só garante a subsistência das famílias, mas também fortalece a identidade cultural e a autonomia da comunidade.

Silva (2020) fala que:

A comunidade Serra das Viúvas então – ou apenas Serra das Viúvas – passa a ser conhecida como a “comunidade das artesãs quilombolas”, o que demonstra em parte a importância do artesanato caracterizado como quilombola, enquanto elemento mobilizador de suas ações por reconhecimento. (SILVA, 2020, p. 23).

Ela continua reforçando que o artesanato também é uma fonte importante de renda, refletindo a cultura e as tradições locais. Segundo Divânia Cássia Costa da Silva, “o artesanato é uma forma de resistência cultural e uma alternativa econômica para as famílias, permitindo que mantenham suas tradições vivas enquanto geram renda” (Silva, 2020). As tradições artesanais na comunidade são transmitidas tanto pelos mais velhos quanto por meio de cursos oferecidos pela associação. Sendo assim, Silva (2020) explica que:

A comunidade local fundou, em 16 de outubro de 2010, a Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas (Amaqui), cuja sede funciona na casa de farinha de Mãe Bela. Essas mulheres se referem aos objetos confeccionados para a venda em termos de “artesanato quilombola”. (Silva, 2020, p. 23).

A Associação das Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas é uma organização que reúne mulheres da comunidade para promover e desenvolver o artesanato local. Essa associação tem um papel crucial na valorização da cultura quilombola, proporcionando às artesãs um espaço para comercializar seus produtos e preservar tradições.

Figura 08: Associação de mulheres artesãs quilombolas serra das viúvas / artesanato.



Fonte: Os autores (2024)

Em uma conversa com uma das artesãs ela explicou que o artesanato é predominantemente feito com materiais naturais da região, refletindo a cultura e os recursos locais. Os principais materiais utilizados incluem fibras de buriti, que são tecidas em cestos, bolsas e outros utensílios; palha, utilizada na confecção de chapéus, acessórios e itens decorativos; madeira, que é transformada em objetos de decoração e utensílios, muitas vezes esculpidos à mão; e sementes de frutas, que são incorporadas em bijuterias e adornos. Esses materiais são sustentáveis e muitas vezes coletados de forma respeitosa com a natureza, garantindo que a prática artesanal não comprometa os recursos do meio ambiente.

Além do artesanato, a comunidade da Serra das Viúvas também gera renda por meio de plantações. A agricultura familiar é uma prática comum, onde as famílias cultivam diversos produtos, como frutas, hortaliças e plantas nativas. Essas plantações não só atendem à demanda local, mas também são vendidas em feiras e mercados, contribuindo para a segurança alimentar e a sustentabilidade econômica

da comunidade. Entre os produtos cultivados a mandioca é o que recebe maior destaque, pois através dela se produz a farinha que também é comercializada na região.

Figura 09: Plantação de mandioca / Casa de farinha da comunitária.



Fonte: Os autores (2024)

A casa de farinha da comunidade é um espaço de uso comunitário, onde as famílias produtoras se reúnem para compartilhar o trabalho durante o processo de confecção da farinha. Trabalhando em conjunto, as famílias não apenas tornam o processo mais eficiente, mas também fortalecem os laços comunitários, essa prática garante que o conhecimento tradicional seja transmitido entre as gerações, preservando a cultura e as técnicas de produção da farinha de mandioca.

5 Considerações finais

A pesquisa evidenciou a relevância da comunidade quilombola Serra das Viúvas como um território vivo de resistência, memória e preservação cultural no sertão alagoano. Ao longo do estudo, foi possível compreender que, apesar dos desafios socioeconômicos, políticos e institucionais enfrentados, a comunidade mantém práticas tradicionais que articulam cultura, território e sustentabilidade, garantindo a reprodução de seu modo de vida e a afirmação de sua identidade quilombola.

As práticas agrícolas sustentáveis, o artesanato produzido a partir de saberes ancestrais e a organização coletiva em espaços como a casa de farinha e a Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas demonstram que a luta quilombola ultrapassa a reivindicação pela terra, configurando-se também como uma luta pela preservação cultural, pela autonomia econômica e pelo reconhecimento social e político. Essas ações coletivas fortalecem os vínculos comunitários, promovem a solidariedade interna e asseguram a transmissão intergeracional dos conhecimentos tradicionais.

Dessa forma, estudar a Serra das Viúvas permite ampliar a compreensão sobre a diversidade e a riqueza das comunidades quilombolas brasileiros, reconhecendo-as não apenas como espaços de luta e resistência, mas também como territórios de criação, cooperação e resiliência. A comunidade reafirma o papel fundamental dos quilombos na construção da identidade sociocultural brasileira e na defesa de modelos de desenvolvimento baseados na justiça social, no respeito ao território e na sustentabilidade ambiental.

Referências

ALICE, S. **O artesanato como elemento de reprodução sociocultural no território quilombola serra das viúvas: um olhar geográfico acerca do patrimônio biocultural no sertão de Alagoas**. Ufal.br, 2024.

ALMEIDA, J. F. **Memórias de resistência: a luta das mulheres na comunidade quilombola Serra das Viúvas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO. **QUILOMBO SERRA DAS VIÚVAS E TRADIÇÕES ANCESTRAS**. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=ecdrOwCxTuQ>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

ASN Alagoas - Agência Sebrae de Notícias. **Projeto apresenta roteiros históricos e culturais para agências de turismo de Alagoas** | Disponível em:

<<https://al.agenciasebrae.com.br/cultura-empreedora/projeto-apresenta-roteiros-historicos-e-culturais-para-agencias-de-turismo-de-alagoas/>>. Acesso em: 15 dez. 2025.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRANDÃO, Alfredo. **Os Quilombolas e a Resistência Afro-Brasileira**. São Paulo: Editora X, 2007.

CARNEIRO, Edison. **Quilombos: Resistência ao Escravismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

CARNEIRO, G. **Do artesanato à luta por direitos: as conquistas das mulheres quilombolas da Serra das Viúvas**. Disponível em:

<https://www.giro19.com.br/ultimas-noticias/2024/11/46012-do-artesanato-a-luta-por-direitos-as-conquistas-das-mulheres-quilombolas-da-serra-das-viuv.html#google_vignette>. Acesso em: 15 dez. 2025.

DIVÂNIA, S. **Reconhecimento, mercado étnico e participação política : a questão quilombola e a comunidade Serra das Viúvas**. Ri.ufs.br, 2020.

DO NASCIMENTO, Maria Thaís Mota; LIBARDI, Suzana Santos. **IDENTIDADE NEGRA/QUILOMBOLA: DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS DE AUTOAFIRMAÇÃO EM UMA COMUNIDADE DO SERTÃO NORDESTINO** 1. Revista Brasileira de Educação, v. 28, p. 1-24, 2023.

FERNANDES, S. L.; GALINDO, D. C. G.; VALENCIA, L. P. **IDENTIDADE QUILOMBOLA: ATUAÇÕES NO COTIDIANO DE MULHERES QUILOMBOLAS NO AGRESTE DE ALAGOAS**. *Psicologia em Estudo*, v. 25, 23 jun. 2020.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de Quilombolas: Mocambos e Comunidades de Senzalas no Brasil**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

GOMES, Flávio dos Santos. **Palmares e Cativos na Luta por Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2015.

GOMES, M. A. **Cultura e Identidade: As Comunidades Quilombolas e suas Lutas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.

GOMES, R. S. *História dos quilombos em Alagoas: uma luta por liberdade*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

HELENA, M. A. CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME NÓS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS/ ÁGUA BRANCA – AL. *UniLetras*, v. 43, p. 1–13, 2025.

HELENA, M. **Tu, você, ocê e cê na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas/ Água Branca–AL**. *Ufal.br*, 2017.

JOSÉ, S. **A educação formal afro-quilombola em Alagoas: limites e possibilidades de emancipação humana**. *Ufal.br*, 2020.

LUIZ, J. et al. QUILOMBOLAS EM ALAGOAS: AS RAÍZES AFRICANAS E O DIREITO À DEMARCAÇÃO DOS TERRITÓRIOS. *Refletindo o Direito*, v. 1, n. 1, 2015.

MELO, J. **Juventude e território: o caso da Serra das Viúvas**. *Ufal.br*, 2019.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. São Paulo: Vozes, 2015.

MORAIS, S. L. et al. **“Casas Esquecidas, Viúvas Nos Portais”:** A decadência socioeconômica e a condição demográfica do município de Ladainha–Mg no período pós-ferroviário. *Revista Espinhaço*, 2016.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1981.

NASCIMENTO, Beatriz G. **O Quilombo e a Resistência Negra no Brasil**. São Paulo: Fundação Palmares, 1985.

OLIVEIRA, E. **Territorialidade e Sustentabilidade nas Comunidades Quilombolas**. Brasília: IPEA, 2015.

REIS, João José. **Quilombos e Revoltas Escravas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, J. **Quilombos: Territórios de Resistência e Cultura**. Recife: Editora Universitária, 2020.

ROMERO, F. L. “Fazer artesanato para fazer a roça”: práticas sociotécnicas na Comunidade Quilombola da Serra das Viúvas. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 50, n. 3, 30 dez. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo: Para uma Nova Cultura Política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, João dos. **Quilombolas de Alagoas: Identidade e Território**. Maceió: Edufal, 2020.

SILVA, Divânia Cássia Costa da. **Reconhecimento, mercado étnico e participação política: a questão quilombola e a comunidade Serra das Viúvas**. Orientador: Paulo Sérgio da Costa Neves. São Cristóvão, SE, 2020.

SILVA, J. A., & SOUZA, R. F. **Geotecnologia na Análise de Comunidades: Aplicações e Métodos**. São Paulo: Springer, 2017.

SILVA, M. A. **Identidade cultural e práticas tradicionais em comunidades quilombolas**. Artigo. *Revista de Estudos Afro-Brasileiros*, v. 5, n. 2, p. 40-60, 2020.

SILVA, M. A. **O papel da Igreja na formação das comunidades no Brasil colonial**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

XAVIER. **Memória social: aspectos da comunidade da Serra das Viúvas**. Ufal.br, 2024.